

PISA 2018

Retrato da baixa qualidade da educação no Brasil

METADE DOS ESTUDANTES NÃO TEM NÍVEL BÁSICO DE LEITURA

68% NÃO TÊM CONHECIMENTOS BÁSICOS DE MATEMÁTICA. EM CIÊNCIA, 55%

DIFERENÇA DE DESEMPENHO ENTRE ALUNOS RICOS E POBRES SE APROFUNDA

Brasil não avança na educação e continua entre piores no Pisa

2018

| RANKING MUNDIAL | Avaliação é aplicada em 79 países para alunos de 15 anos, pais, professores e diretores. Brasil segue com desempenho ruim em leitura, ciência e matemática

ÍTALO COSME

italocosme@opovo.com.br

A fotografia da educação brasileira de jovens com 15 anos de idade é uma das piores entre os 79 países que participaram do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes 2018 (Pisa, na sigla em inglês). Conhecido em Paris nessa terça-feira, 3, o diagnóstico educacional mais importante do mundo apontou evolução discreta entre os brasileiros. Por isso, é importante utilizar uma lupa sobre os resultados para entender também os aspectos subjetivos apresentados.

Planejado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e realizado a cada triênio desde o ano 2000, o Pisa foi aplicado em 2018 durante duas horas para 11 mil estudantes brasileiros, em 638 escolas. Essa parcela representa mais de 2 milhões de alunos de 15 anos. Além das provas de conteúdo, o Programa também

coletou informações, através de questionários online, sobre crenças, nível socioeconômicos, experiência no ambiente escolar e com a aprendizagem.

Os resultados apontaram que, aos 15 anos, 50% dos brasileiros não sabem sequer o básico da leitura. O desempenho piora quando 55% dos participantes não atingiram o patamar basilar em ciências e se agrava na avaliação em matemática, 68% também não alcançaram o nível mínimo. O México, por exemplo, de economia e população similar ao Brasil, teve resultados menos ruins: 45%, em leitura, 58% em matemática e 50% em ciência.

O Pisa revela ainda que a desigualdade educacional entre mais pobres e mais ricos cresceu no Brasil. Enquanto em 2008 a diferença era de 84 pontos, abaixo do média da (OCDE), ano passado a disparidade chegou a 97 escores. Em países com desempenhos melhores, como Estônia, Finlândia, Irlanda e Canadá, a

disparidade é bem menor.

O alunado brasileiro mais rico apresentou resultados similares ao dos mais pobres de outras economias, como Estados Unidos, Austrália, Dinamarca, Noruega e Suécia, onde também a desigualdade socioeconômica é menor entre os indivíduos. Por outro lado, apenas 10% dos jovens brasileiros pobres performaram entre os dois melhores níveis.

Por trás dos dados educacionais, três em cada dez estudantes participantes revelaram sofrer bullying pelo menos alguma vez por mês. Frente a tudo isso está um jovem cada vez menos satisfeito com a vida. Em 2015, os brasileiros ficaram acima da média dos países da OCDE. Ano passado, a situação inverteu, 35% se disseram insatisfeitos com a vida enquanto a média foi de 38%.

Patrícia Mota Guedes, gerente de Pesquisa e Desenvolvimento do Itaú Social, aponta que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a depender de como seja implementada, será um dos auxílios à recuperação do País

nas próximas avaliações. Para a especialista, é preciso ter foco no estudante e incentivar a formação continuada dos professores.

Mestre em Administração Pública pela Universidade de Massachusetts, Patrícia ainda destaca a desigualdade de gênero na avaliação. Ela cita o dado em que três meninos expressaram o desejo de ser engenheiro enquanto a proporção foi de uma para cada cinco meninas. "É preciso avaliar como a gente está discutindo o projeto de vida e expectativa do estudante, para não reproduzir estereótipo e excluir por conta de classe, raça ou gênero."

Diretor da Fundação Getúlio Vargas Social, Marcelo Neri traz a informação de que 47% da educação dos filhos é determinada pelo nível de educação dos pais. Para ele, é preciso romper com esse ciclo vicioso e uma das formas é investir em políticas educacionais, como o rateio de parte do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) como mecanismo de incentivo aos municípios, ampliação do Bolsa Família e o estímulo aos professores com premiação.

Ministro da Educação. Repercussão 'O Pisa é do PT', diz Weintraub para justificar 'tragédia'

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, atacou e culpou os governos petistas pelo resultado do Brasil que considerou "uma tragédia" no Programa Internacional de Avaliação de Alunos. "O Pisa é do PT, não do (presidente Jair) Bolsonaro", afirmou Weintraub ao comentar os resultados de 2018 do exame.

"Integralmente culpa do PT, integralmente culpa dessa doutrinação 'esquerdófila' sem compromisso com o ensino. Quer discutir sexualidade, não quer ensinar (a) ler e escrever", disse o ministro.

"Esse governo não tem a nada ver com o Pisa", enfatizou o ministro. "Quando vocês olharem em termos históricos, 2019 vai ser o ponto de inflexão." Para

Weintraub, um das soluções para melhorar o desempenho dos estudantes brasileiros é investir em tecnologia nas escolas e substituir o material didático.

"Os antigos não funcionam. A prova está no Pisa de 2018", disse. "A gente começa a mudar isso com livro didático, com técnicas diferentes, com métodos diferentes, que foram feitos, apresentados e discutidos, começaremos a implantar isso no Brasil inteiro."

Weintraub afirmou que o Ministério da Educação (MEC) teve acesso a dados que mostram que as notas dos colégios cívico-militares estão acima da média da OCDE e defendeu o modelo, uma das bandeiras do governo Bolsonaro. (AE)

Brasil. Metade dos alunos não sabe o básico em leitura

A capacidade dos estudantes brasileiros aos 15 anos de interpretar e refletir sobre um texto é considerado baixo nos padrões mundiais. Conforme o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês), divulgado nesta terça-feira, 3, metade dos alunos naquela idade tem dificuldade em comparar pontos de vistas, localizar informações implícitas, compreender conceitos abstratos e refletir sobre diferentes fontes usadas no texto.

Na outra ponta, 2% apresentaram proficiência satisfatória em leitura. De acordo com a avaliação, organizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), esses ranquearam no nível 5 e 6 do diagnóstico. No estágio, é possível compreender textos longos, lidar com conceitos abstratos e contra intuitivos, além de distinguir fato de opinião. A média geral da avaliação foi de 9% nesse patamar. Acima do percentual, configuraram outros 15 sistemas de ensino integrantes da OCDE.

Não é possível esmiuçar os dados da leitura por estados brasileiros. Mas na comparação por regiões, o Nordeste tem o pior desempenho no País, com a média de 390 escores. Quase 100 atrás da média registrada por outros países da OCDE (480). O sul do Brasil chegou o mais próximo disso, com quase 440 pontos. Seguidos do Centro-Oeste e Sudeste, empatados dentro margem de erro, com 420.

A diferença de performance em leitura entre os estudantes mais pobres e mais ricos aumentou em relação a 2009, ano em que a ênfase do Pisa também

foi em leitura. Em 2018, foi de 97 e em 2009, 84. A diferença média de escore na OCDE em 2018 foi de 89 e em 2009, 87.

No geral, 45% dos estudantes brasileiros apresentaram nível mínimo de proficiência (nível 2) nas três áreas avaliadas. A média da OCDE foi de 13%. Em ciências, 55% dos alunos não atingem o nível 2. Em matemática, são 68%.

O Pisa é aplicado em 79 países diferentes. As provas focam em leitura, matemática e ciência. Porém, outras capacidades do aluno são avaliadas. Diretores, professores, escolas e pais também são abordados. Os questionários são aplicados a cada três anos. Os resultados divulgados nesta terça-feira refletem a aplicação de 2018. No total, 600 mil estudantes realizaram as provas. Juntos, a amostra representa 32 milhões de estudantes na idade de 15 anos.

79

PAÍSES participaram do Pisa 2018. Parte integra a OCDE, outra foi convidada.

500

MIL ALUNOS com 15 anos realizaram a avaliação, com duração duas horas



PROVA

Diretores responderam questões sobre recursos, organização e ambiente de aprendizado. A avaliação foi optativa aos professores. Os pais falaram sobre proximidade com o ambiente escolar.

> AVALIAÇÃO

O QUE MAIS DIZ O ESTUDO

MOBILIDADE SOCIAL

O Pisa lembra que a condição socioeconômica é um dos fatores que mais influenciam o desempenho escolar e destaca que a mobilidade social no Brasil também é uma das menores entre os países avaliados. O estudo calcula a chance de que um aluno pobre de estudar em um colégio com alto desempenho é de 13%. Os jovens pobres brasileiros estão entre os que têm menor expectativa de continuar os estudos.

INVESTIMENTO

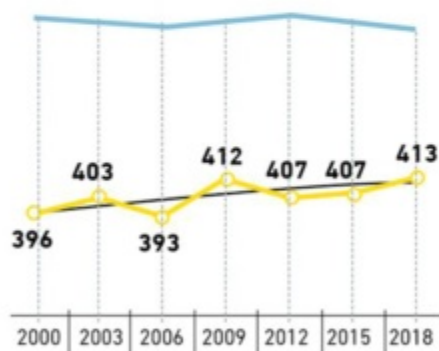
Os países que têm melhor desempenho em Leitura são as que mais investem em educação. O resultado positivo seria possível, já que o gasto por aluno poderia compensar as dificuldades socioeconômicas da família. Macau, na China, por exemplo, tem o terceiro maior investimento por aluno, US\$ 150 mil (R\$ 630 mil) ao ano, e é o terceiro com maior nota em Leitura. O Brasil é um dos países com menor gasto por aluno, cerca de US\$ 30 mil (R\$ 126 mil) ao ano, atrás de países como Uruguai e Chile.

TENDÊNCIA EM LEITURA, MATEMÁTICA E CIÊNCIAS NO BRASIL

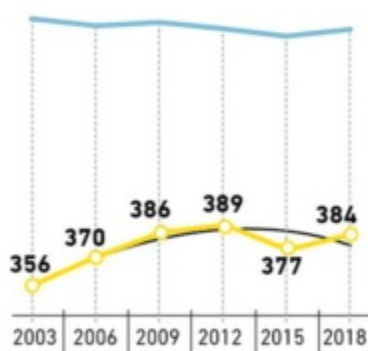
2000 - 18 (intervalos de 3 anos a cada resultado)

Brasil Média dos países Tendência Brasil

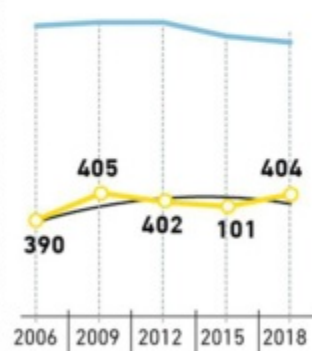
LEITURA



MATEMÁTICA*



CIÊNCIAS*



* Não foi avaliado neste ano

FONTE: OCDE